

RENDIMENTO DE FORRAGEM E TAXA DE ACÚMULO DIÁRIO DO CAMPO NATIVO SUBMETIDO A DIFERENTES MÉTODOS DE PASTEJO¹

SELL, Cicero Mateus²; FERREIRA, Otoniel Geter Lauz³; SILVEIRA, Fernando Amarilho⁴; FARIAS, Pâmela Peres⁴; SILVEIRA, Roberta Farias⁴; AVELLANAL, Maria Alice Fernández⁵; NOBRE, Pytter Alves²

¹Trabalho desenvolvido no Grupo de Ovinos e Outros Ruminantes/FAEM/UFPel; ²Graduando do curso de Agronomia – UFPel; ³Professor do DZ/FAEM/UFPel- ogferrerira@gmail.com; ⁴Graduando do curso de Zootecnia/UFPel; Médica Veterinária discente do PPGZ/FAEM/UFPEel.

1 INTRODUÇÃO

As pastagens nativas do Rio Grande do Sul são as principais fontes de alimentos volumosos para bovinos de corte, leite e ovinos, além de contribuírem com a conservação do solo, da água e da biodiversidade (Pizzani et al., 2007).

Cerca de 40% deste Estado é composto de campo natural, onde nestes há desde vegetações arbustivas, rasteiras e propriamente o campo virgem. Segundo Ferreira et al. (2009), no RS os campos encontram-se distribuídos de forma descontínua em diferentes regiões fisiográficas, havendo diferenças em sua composição específica e estrutural em função da variação de contingentes florísticos e de características ambientais locais e regionais.

Por o campo ser constituído de espécies adaptadas e resistentes a intempéries como secas e invernos rigorosos, ele se torna uma importante fonte de alimento pra manutenção e engorda de animais em produção.

O manejo intensivo da pastagem é uma das tecnologias empregadas para aumentar os índices de produtividade dos estabelecimentos pecuários, pois com ele é possível encurtar o tempo necessário à terminação e abate dos animais. Por isso, estratégias que visem à intensificação da utilização do campo natural aliada a sua preservação devem ser estudadas e seus resultados difundidos.

O objetivo do presente trabalho foi verificar a influência e comparar o rendimento de matéria seca do campo nativo na primavera submetido a dois métodos de pastejo durante o inverno e início da primavera.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Os dados foram coletados na Fazenda Pitangueira, município de Herval RS. Na propriedade, tradicionalmente o campo natural é manejado em pastejo com lotação contínua com altas cargas, sendo que no ano de 2011 o método de pastejo com lotação rotacionada foi implantado de forma experimental visando um melhor aproveitamento da pastagem. As áreas de lotação contínua e rotacionada estudadas foram submetidas ao mesmo intervalo entre os cortes, fertilidade, tipo de solo e vegetação.

A Fig. 1 mostra a disposição das duas áreas de pastejo no campo, as quais estão separadas por uma linha com sete fios de arame. A área de lotação rotacionada foi subdividida em 10 piquetes com uso cerca elétrica.

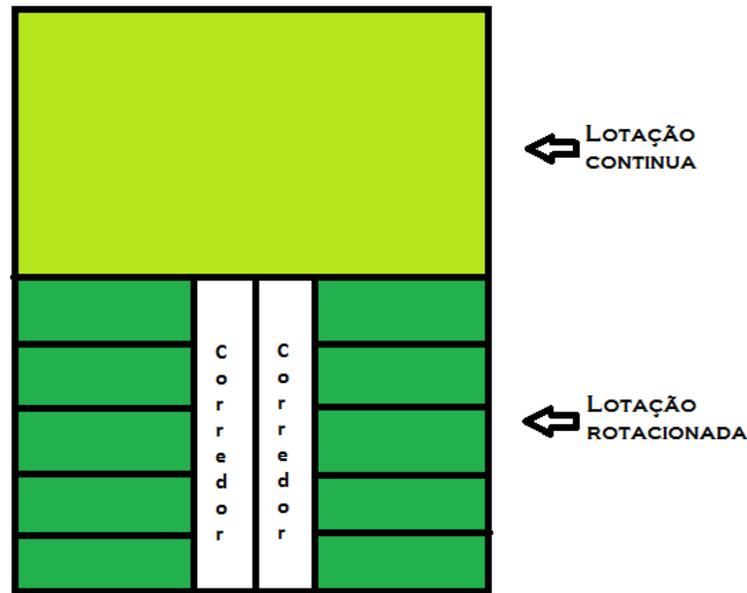


Figura 1 – Disposição das áreas de pastejo no campo.

Em 12 de novembro e 16 de dezembro de 2011 foram feitas amostragens da disponibilidade de forragem, onde em cada subdivisão do manejo com lotação rotacionada foi coletada uma amostra de forragem e dez no manejo com lotação contínua, coletadas aleatoriamente deixando-se um resíduo de 5 cm. As amostras foram coletadas em área conhecida de 1m² em cada unidade experimental (pasto) e levadas a estufa de ar forçado a 65° C até atingir peso constante, para obtenção da produção de matéria seca (MS) da forragem, mensurada através de balança digital.

Em poder do resultado da pesagem das amostras, os valores foram transformados de g/m² de MS para kg/ha de MS. Após, os valores obtidos foram divididos pelo número de dias de crescimento da pastagem, de modo a se obter a taxa de acúmulo médio diário (kg de MS/ha/dia) da pastagem em cada método de pastejo. Os resultados não foram analisados estatisticamente, mas somente contrastados visualmente.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em 12 de novembro o rendimento de forragem na área de lotação contínua era de 782 kg/ha de MS, resultado de 70 dias sem a presença de animais. Na área de lotação rotacionada, o rendimento de forragem era de 694 kg/ha de MS, considerando parcelas que permaneceram no mínimo 15, e no máximo 45 dias, sem a presença de animais.

Na Fig. 2 são apresentados os rendimentos médios de forragem dos dois métodos de pastejo após 34 dias sem a presença de animais. Verificou-se que a pastagem submetida à lotação rotacionada, cresceu aproximadamente 41% a mais que a submetida à lotação contínua, o que representa um incremento de 464 kg/ha de MS. Diferença esta que pode ser considerada importante para a manutenção da produtividade animal em épocas estratégicas como de cobertura de bovinos e/ou desmame de cordeiros.

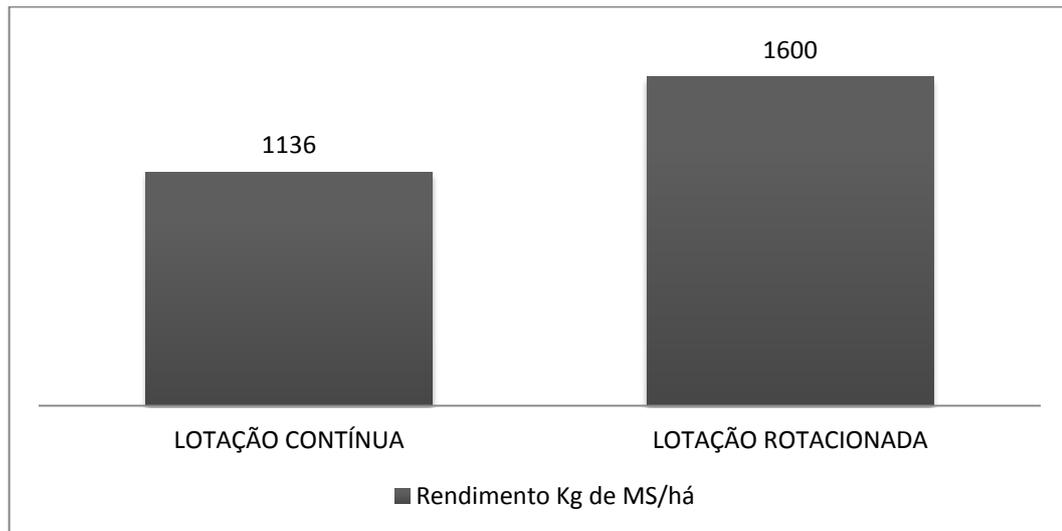


FIGURA 2 - Rendimento de forragem de dois sistemas de pastejo após 34 dias sem pastejo.

Os rendimentos de forragem anteriormente descritos são decorrentes de diferentes taxas de crescimento do dossel forrageiro.

A Fig. 3 mostra a taxa de acúmulo diário (Kg/ha/dia de MS) da pastagem submetida aos dois métodos de pastejo, apresentando as diferenças entre eles.

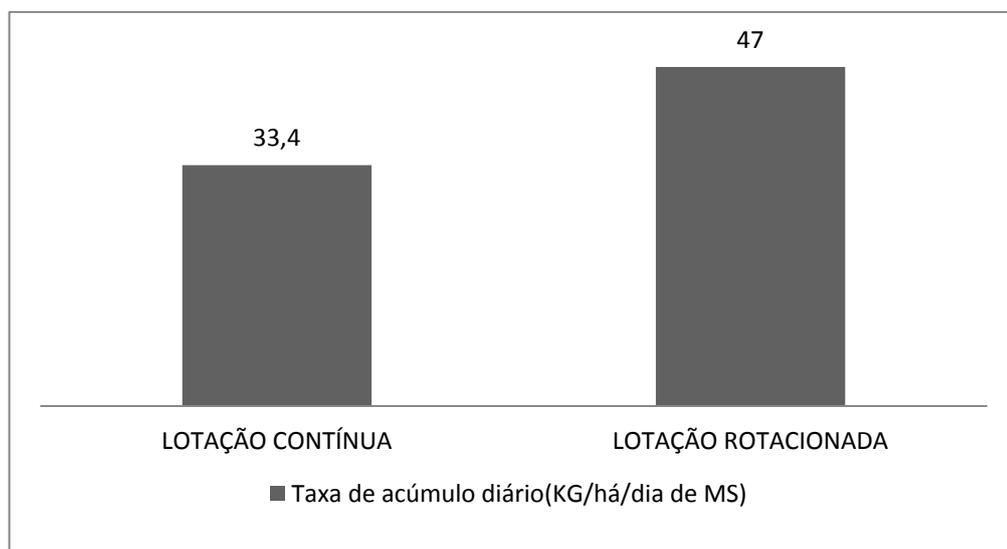


FIGURA 3 – Taxa de acúmulo diário (Kg/ha/dia de MS).

Essa diferença se da, principalmente, pelo fato de que a lotação rotacionada apresenta um manejo em que os animais permanecem um curto período de tempo em cada subdivisão, possibilitando maior controle de área foliar residual durante o inverno e início da primavera. Esse critério é de grande importância, uma vez que deixando-se uma área foliar residual adequada após cada pastejo, a planta consegue o rebrote mais rápido, com maior acúmulo de reservas que proporcionará o subsequente desenvolvimento vegetativo com crescimento de folhas e perfilhamento.

Santana et al. (1987), observaram aumento na disponibilidade total de forragem na lotação rotacionada em relação a contínua. Segundo os autores, em manejos contínuos os animais tem a liberdade de escolha dentre as espécies vegetais, assim ocorrendo diminuição daquelas mais consumidas pelos animais, por critério de palatabilidade e valores nutricionais, e uma soberania das que são menos desejáveis pelos mesmos. Na lotação rotacionada isso pouco ocorre, pois os animais são submetidos a pequenos espaços por um curto período de tempo, assim evitando o sobrepastejo das espécies mais desejáveis e forçando o pastoreio das mais rejeitadas. Dados de Kichel et al. (1999) mostram que a lotação rotacionada é mais favorável, pois ocorre maior produção e menor presença de invasoras que implicam maior longevidade da pastagem.

Santos et al. (1999), salienta que quanto menor for o intervalo de pastejo, maior é o rendimento total da pastagem e crescimento médio diário. Quando se trabalha com grandes intervalos de corte ocorre um envelhecimento da pastagem com grande número de folhas senescentes consequentemente diminuindo o crescimento (produção de MS) médio diário.

4 CONCLUSÃO

O método de pastejo influencia no rendimento de matéria seca do campo nativo na primavera, sendo este maior em lotação rotacionada.

5 REFERÊNCIAS

FERREIRA, P. M. A; SETUBAL, R. B. et al. Florística e fitossociologia de um campo natural no município de Santo Antônio da Patrulha, Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**, v.7 n.2, p 195-204, 2009.

KICHEL, A. N.; MIRANDA, C. H. B.; ZIMMER, A. H. Degradação de pastagens e produção de bovinos de corte com a integração agricultura X pecuária. In: **I Simpósio de Produção de Gado de Corte**, 12 a 15 de novembro, Viçosa (MG) 1999. Anais do I Simpósio de Produção de Gado de Corte, 1999.

PIZZANI, R.; ROSSATO, O. B.; SCHAEFER, G. L.; SILVA, L. S.; et al. Oferta de forragem de um campo nativo submetido à calagem e adubação. In: **31º congresso brasileiro de ciência do solo**, 05 a 10 de agosto, Gramado (RS) 2007. Anais do 31º congresso brasileiro de ciência do solo, 2007.

SANTANA, J.R. de; PEREIRA, J.M.; RUIZ, M.A.M.; SPAIN, J.M. Efeito do pastejo sobre a persistência e produtividade da consorciação *Brachiaria humidicola* x *Desmodium ovalifolium* CIAT 350. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ZOOTECNIA, 24., 1987, Brasília. **Anais...** Brasília: SBZ, 1987. p.242.

SANTOS, P. M.; CORSI, M.; BALSALOBRE, M. A. A. Efeito da Frequência de pastejo e da época do ano sobre a produção e a qualidade em *Panicum maximum* cvs. Tanzânia e Mombaça. **Revista brasileira de zootecnia**, v.28, n.2, p.244-249, 1999.